

Identificação Pessoal

CARLOS CUNHA

(Do Serviço de Identificação da Aeronáutica)

Apontamentos

1. RESUMO HISTÓRICO DA IDENTIFICAÇÃO HUMANA E SEUS DOIS PERÍODOS: O EMPÍRICO E O CIENTÍFICO

A IDENTIFICAÇÃO do homem, na antiguidade, nos sugere os processos que passamos a relatar.

O nome — Supõe-se ter sido o nome o primeiro sinal individualizador dado pelo homem da época cavernária aos seus semelhantes.

O nome, em um sentido amplo, compreende o apelido, apêdo ou qualquer outra forma apelativa de reconhecimento.

Na África meridional existe uma tribo que diferencia seus componentes assim: homens do crocodilo, da pantera, do tigre, do leão, do porco espinho, do mono, do elefante etc.

Outros povos davam a seus filhos o nome de algum animal, instrumento, árvore ou planta: Tigre, Leão, Águia, Pinto, Pinheiro, Carvalho etc. Há, ainda hoje, os Rosas, os Flores, os Pitangas, os Limoeiros, os Machados e muitos outros.

Os hebreus empregavam os nomes com um sentido místico, assim Elias (Jeová é meu Deus) e Joel (o senhor é Deus). Josafat indica o juízo de Deus; Raquel se relaciona com mulher de caráter doce.

Os romanos designavam as pessoas com um só nome; mais tarde, o romano livre de nascimento teve três nomes: 1.º) o *prenome*, que era inteiramente pessoal; 2.º) o *nome*, que indicava a casa de onde descendia e 3.º) o *cognome*, que dizia o ramo familiar.

Que é o nome?

Um sinal simbólico, substituível, confuso, sem individualidade natural.

Porisso, procurou-se um *nexo de identidade* entre o *nome* (personalidade jurídica) e o *homem* (pessoa física).

Solucionou-se, definitivamente, o problema, com a junção do *nome natural* ou *nome antropológico*, imutável, com o *nome civil*.

Tatuagem — A êsse processo, também recorreram os homens primitivos: os indígenas do

norte da África, os índios australianos, os Peles-Vermelhas da América do Norte e muitas outras tribos.

Processos falhos, como a *filiação morfológica*, que consiste em reter, na memória, dimensões e particularidades de certos órgãos do corpo humano, e a *fotografia*, foram sugeridos na identificação de criminosos.

Identificação criminal — Na Índia, o criminoso era marcado com o ferro quente. As marcas, apostas na fronte do indivíduo, representavam desenhos de vários aspectos e cada um dêles correspondia a determinado crime.

Vejamos, pois, alguns artigos do livro 9.º das "Leis de Manú":

Art. 237. Que por haver manchado o leito de seu pai espiritual, imprime-se sobre a fronte do culpado um sinal que represente as partes de u'a mulher; por haver bebido licôres espirituosos, se lhe grava um sinal que represente a bandeira de um destilador; por haver roubado o ouro de um sacerdote, o pé de um cachorro; pelo assassinato de um Bramane, a figura de um homem sem cabeça.

Art. 238. Não se deve comer com êstes homens, nem sacrificar-se com êles; que errem sobre a terra em miserável estado, excluídos de todos os deveres sociais.

Art. 239. Êstes homens, marcados com sinais desonrosos, devem ser abandonados por seus parentes paternos e maternos e não merecem compaixão nem cuidados".

À mutilação dos órgãos essenciais como os dedos, as mãos, os pés, e até à castração, estavam, também, sujeitos os indus.

Na França, até 1562, os criminosos eram marcados, na face, com uma "flor de lis"; posteriormente tal estigma era impresso nas costas. No mesmo ano, em substituição a aludida marca, foram adotadas as letras V, W, GAL e F, que distinguíam, respectivamente, o ladrão primário, o reincidente, os que encaminhados fôssem às Galés, e o falsário. Antes da adoção de tal processo, os franceses usavam cortar as orelhas ou o nariz dos malfeitores.

Costumes semelhantes eram praticados na Grécia e em Roma, nos quais os criminosos eram marcados, na testa, com desenhos de animais ou com a letra inicial do crime. De formas mais ou menos variáveis, o processo de se marcarem os criminosos com o ferro candente subsistiu na Espanha, na Inglaterra, na Rússia, em Portugal e nos Estados Unidos.

Todos os processos de se individualizarem os criminosos com o ferro em brasa duraram, na Europa, até o século XIX, quando foram abolidos.

Segundo ROBERTO THUT, no jornal "O Estado de São Paulo", de agosto de 1941: "no Brasil, também, nas épocas coloniais, ao negro africano era aplicado o ferro em brasa com as marcas de seu senhor, para a identificação de escravos, nos casos de fuga".

À fotografia — Com o aparecimento desse elemento científico, todos os que se interessavam pela identificação dos criminosos procuraram, logo, utilizá-la como elemento auxiliar na esfera judicial. Isto, em 1854.

Acontece, porém, que os malfeitores usavam ardis dos mais variados como o crescimento da barba ou dos cabelos, disfarce por meio da pintura e até a deformação propositada do rosto, com cicatrizes, para fugirem da Justiça.

Além disso, outros inconvenientes apareceram: ineficácia do arquivamento das fotografias pelo nome do indivíduo identificado que, na reincidência, dava outro; a cirurgia plástica, e o desconhecimento absoluto da fotografia sinalética às perícias.

Apareceram, depois, outros processos, todos julgados obsoletos à identificação humana.

Craniográfico de Anfosso

Baseado nas variações ósseas, Luiz Anfosso, em 1896, apresentou o *taquiantropômetro*, aparelho quase semelhante aos usados pelos serviços de biometria médica; foi utilizado para medir a distância de algumas partes do corpo, como os diâmetros ântero-posterior e transversal da cabeça, a estatura, a braça (envergadura), a medida da extensão do pé, do dedo médio etc., e o *craniógrafo*, que se destinava às medidas do perfil craniano.

Otométrico de Frigério

Tomando por base a configuração da orelha, em 1888 idealizou Frigério um aparelho que denominou de otômetro, para aplicá-lo às diferentes medidas desse órgão: a do ângulo aurículo-temporal e às dos diâmetros máximo e mínimo.

Sistema Geométrico de Matheios

Consiste na imutabilidade de certas dimensões do rosto, quando o indivíduo atinge a idade adulta.

Para efeito de confronto, preparam-se, dentro dos mesmos diâmetros, a fotografia recente e a antiga.

Em ambas, já ampliadas, traça-se uma horizontal, à qual acrescentamos as minúsculas *dd*, de forma que ela passe sobre ambas as pupilas, ultrapassando o contôrno da imagem.

Sobre essa linha, traça-se uma vertical *aa*, que chamamos "linha mediana" e mais duas outras perpendiculares são traçadas (*bb-cc*), porém, sobre cada pupila.

Cortam-se, depois, os dois retratos em duas partes iguais, pela "linha mediana" e, em seguida, opera-se a justaposição, de maneira que as partes interessadas coincidam perfeitamente. Outras regiões, conforme os traçados executados, podem ser confrontadas (Vide fig. 1).

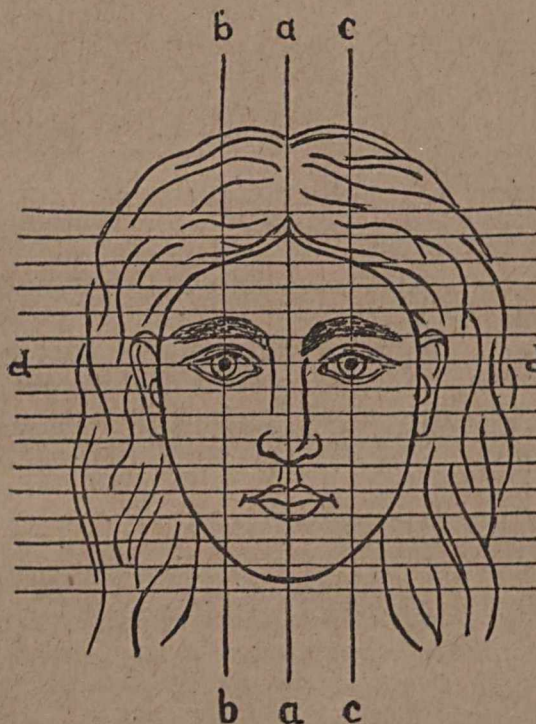


Fig. 1 — Sistema geométrico de Matheios

Sistema Venoso de Tamassia

O sistema venoso de Arrigo Tamassia, estudado em 1908, consiste na disposição das veias do dorso das mãos e dos pés, cuja classificação é a seguinte:

1. Ramificação em arco.
2. Ramificação arboriforme.
3. Em formas reticuladas.
4. Em forma de V.
5. Em forma de Y.
6. Outras formas.

Sistema Ameuille

Baseia-se nas ramificações venosas da região frontal.

Sistema Oftalmostatométrico de M. Capdvielle

Em sua tese de 1903, intitulada "L'oeil base d'un système anthropométrique", Capdvielle adotou cinco operações para a medida do olho, em virtude das diferenças que apresenta de uma para outra pessoa:

1. Medida da curvatura das córneas.
2. Medida da distância interpupilar.
3. Medida interorbitária máxima.

4. Notas cromáticas da iris.
5. Anotações dos caracteres particulares como leucoma, miopia etc.

Sistema Oftalmoscópico de Levinsohn

Tem como ponto vital a fotografia do fundo do olho, de que resultam as seguintes anotações: disposição dos vasos sanguíneos; dilatação do nervo ótico, pelo "punctum caecum" e pela "mácula lútea".

Levinsohn adotou, também, um sistema radiográfico, que consiste na radiografia das mãos, cujas medidas operavam-se sobre as falanges do metacarpo.

Os primeiros estudos com fins antropológicos tiveram como iniciadores: PAUL BROCA, em 1864, quando deu a conhecer a sua primeira obra intitulada "Instructions générales pour les recherches anthropométriques à faire sur le vivant"; LOMBROSO, que no mesmo ano e na Itália divulgou tais estudos, aplicando-os, a seu turno e com a mesma finalidade, no setor da delinquência, revolucionando a criminalística; G. BONOMI, em 1872, que inventou os instrumentos métricos próprios às medidas antropométricas, notáveis pela sua perfeição, e MORSELLI, o criador do antropômetro, aparelho que aplicou aos alienados.

Posterior trabalho sobre o assunto lançou QUETELET (1879) e diz respeito a observações antropológicas que imediatamente levaram BERTILLON a idealizar um método que aplicou, logo, na identificação dos reincidentes.

Sistema Antropométrico de Bertillon

Inspirado nos Estudos de Quetelet e em virtude de haver assistido a um curso levado a efeito por seu pai L. A. Bertillon, discípulo daquele, na Escola de Antropologia de Paris, que vinha funcionando desde 1876, ALPHONSE BERTILLON, em 1879, apresentou à Prefeitura de Polícia de Paris, de que era funcionário, um método de identificação para o reconhecimento dos reincidentes, o qual, a título de experiência, lhe foi permitido pôr em prática em 1882.

Esse método, o mais perfeito da época, em 1885 foi mandado executar em todos os presídios franceses e, em 1888, foi decretado seu emprêgo obrigatório em toda a França.

Assinala, o citado método, três princípios básicos:

1. fixidez absoluta dos ossos a partir dos 21 anos de idade;
2. dimensões ósseas variadas de indivíduo para indivíduo;
3. facilidade e relativa precisão com que se podem medir certas dimensões do esqueleto humano.

Baseado nesses três princípios, estabeleceu o autor:

1. o assinalamento antropológico, que relaciona dez medidas ósseas e uma de cartilagem;
2. o assinalamento descritivo ou retrato falado, constante dos caracteres morfológicos, cromáticos e suas anotações complementares;
3. as marcas particulares; e
4. a fotografia sinalética (de frente e de perfil), reduzida a 1/7 e, por fim (em 1894), as impressões digitais.

Pela cor dos olhos, estabeleceu BERTILLON sete classes:

1. Iris não pigmentada (sem pigmento amarelo, conservada, portanto, a cor do fundo);
2. Iris com pigmento amarelo.
3. Iris com pigmento alaranjado.
4. Iris com pigmento castanho.
5. Iris pigmentada, mas cercada de marron.
6. Iris pigmentada em marron esverdeado.
7. Iris pigmentada em marron puro.

Inconvenientes do Sistema — Impraticável aos menores de 21 anos de idade; desnudamento do identificando; subordinação à uma tabela de tolerância e impossibilidade da obtenção dos diâmetros cefálicos nas mulheres, em virtude da massa de cabelos.

O sistema do policial francês foi introduzido no Brasil em 1899.

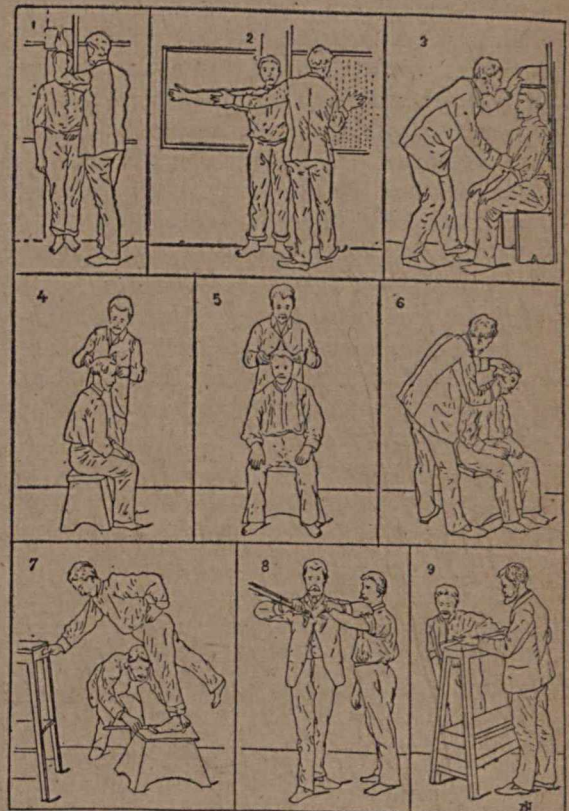
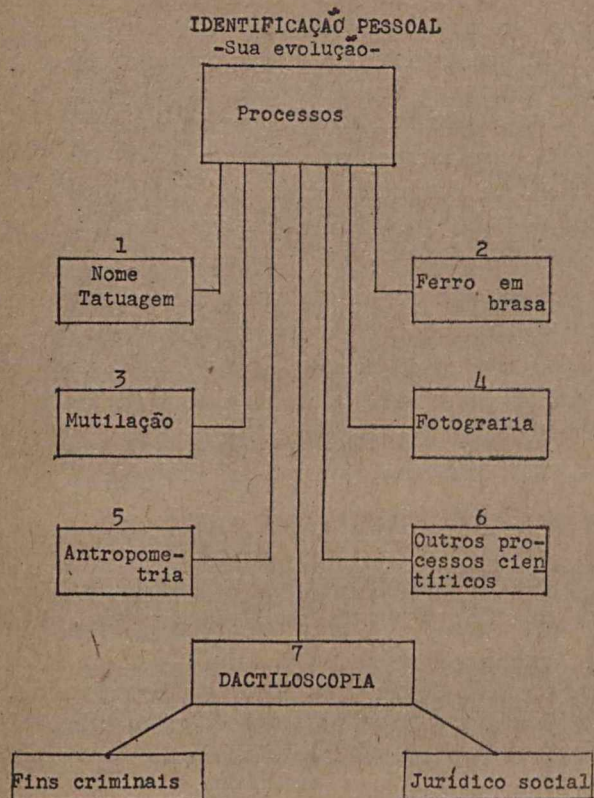


Fig. 2 — 1. Altura — 2. Envergadura — 3. Busto — 4. Diâmetro longitudinal da cabeça — 5. Diâmetro transversal da cabeça — 6. Diâmetro longitudinal da orelha direita — 7. Comprimento do pé esquerdo — 8. Comprimento dos dedos médio e mínimo esquerdos — 9. Comprimento do antebraço esquerdo. Ausente a medida do diâmetro bizigomático, incluída posteriormente no Sistema.



DACTILOSCOPIA

Período pré-histórico — A história da dactiloscopia, no que diz respeito a origem de seu emprêgo, da prioridade de observações das linhas papilares à classificação em diferentes tipos e da sua aplicação como elemento identificador, é um assunto que se perde no terreno das hipóteses, parecendo temerário dizer-se quem primeiro o noticiou, embora se tenha conhecimento de que seu uso teve início no Extremo-Oriente.

Sabe-se que o homem pré-histórico observou as diversas disposições dos desenhos formados pelas papilas dérmicas, pelo simples fato dos mesmos terem sido encontrados gravados em tijolos de argila, vasos, cavernas, objetos de cerâmica e muitas outras peças por êle fabricados.

Não se sabe, positivamente, se tais gravuras (reproduções) constituíam ou não valor identificativo.

Esclarecem alguns autores que o homem da *Idade dos Metais* ou o do *período neolítico* conhecia as variadas formas dos desenhos formados nas pontas dos dedos, nas palmas das mãos e nas plantas dos pés e que os imprimia nos objetos que fabricava; afirmam, outros, que essas reproduções não passavam de mero capricho do artista.

Inúmeras, as obras descobertas por exploradores e arqueólogos, em escavações, trazendo, gravadas, as pontas dos dedos dos seus manipuladores.

Em 1832 foi descoberto, nas ilhas Gavr'Inis um estranho monumento megalítico todo coberto de terra. As paredes interiores apresentavam ins-

crições que, a princípio se supôs serem sinais alfabéticos. Em 1885, o Dr. A. BERTRAND apresentou a hipótese de serem impressões digitais, suposição confirmada em 1920 pelo Dr. EUGENE STOCKIS, depois de rigorosas investigações.

Essas inscrições devem ter cêrca de 3.000 anos, datando da época neolítica, quando a pedra e o osso eram os únicos elementos de que dispunha o homem. São um documento de inestimável valor, dada a segurança e a veracidade das experiências e a fidelidade nos seus mínimos detalhes poroscópicos. (Fig. 3)



Fig. 3

Em um lago, na Nova Escócia (Canadá), em 1892, foi encontrado, por GEORGE CREED, segundo GARRICK MALORY, uma pedra, na qual se encontrava gravada u'a mão de um dos índios Micmacs, que ali estiveram antes da entrada dos europeus civilizados.

Na Caldéia, em 1925, foi descoberto um muro que deve datar de 2.800 a 4.700 anos antes de Cristo; apresentava duas impressões digitais moldadas na argila. Nas escavações feitas nas margens do rio Tigre e do Eufrates, na Mesopotâmia, encontraram-se argilas com sinais digitais de 3.000 anos.

Período empírico — O emprêgo da dactiloscopia, como processo máximo à legalização de documentos, teve início no século VII, no Extremo-Oriente (China e Japão). Neste, em atendimento a uma lei doméstica, oriunda, supõe-se, de uma das leis de TAIHO, do ano 702 de nossa era, as quais se supõem idênticas, em parte, às leis chinesas de YUNG-HWUI (anos 650 a 655, depois de

Jesus Cristo), o marido, ao se divorciar da esposa, devia entregar-lhe um documento escrito, expondo uma sete razões do divórcio (desobediência filial, relaxação de costumes, ciúme, lepra, tagarellice e roubo).

Esse documento devia ser escrito pelo marido; assinava-o, na impossibilidade de fazê-lo, com a impressão digital.

Outros documentos, conforme a natureza da ação, exigiam idêntica formalidade, de que resulta o *Shanmu-ying*, termo que os chineses davam à impressão do polegar, seguida das dos quatro restantes.

LOCARD, em seu "Traité de Criminalistique" registra dois casos curiosos, extraídos de um romance chinês "Schui-hu-chuen", havidos no século VI ou VII: "Então Lin-Chung, depois de seu secretário haver copiado o que ditava, marcou-o com um sinal característico e imprimiu a impressão digital". Isto, para firmar seu próprio divórcio.

Mais adiante; a respeito da captura de duas mulheres de Wu-Sung, perseguidas por haverem assassinado seu irmão: "Fêz avançar as duas mulheres e as obrigou a impregnar os dedos de tinta e deixar as impressões digitais".

Consoante autores outros, HUMUGASU-MINAKATA, antropologista japonês, afirmou, em uma publicação feita em "The Nature", em 1894, que os chineses conheciam, já, as impressões digitais como elemento essencial à legalização de documentos, no século VII e que no século VIII elas foram importadas pelo Japão com o nome genérico de *Tip-sahi*, tendo passado para a Índia com o mesmo nome.

Afirmou HEINDEL, também, o conhecimento das impressões digitais por parte dos chineses e talvez o seu emprêgo para fins criminais. Disse, ainda, que cada mãe chinesa conhecia os diversos arranjos dos desenhos papilares e que os descrevia, até.

Os quiromantes chineses do século XIII também distinguiram dois tipos de dactilogramas, o *lo*, que é o nosso *verticilo*, e o *ki*, a nossa *presilha*.

No Extremo-Oriente, no século XVI, em contrato de venda dos filhos, os pais apunham, no respectivo documento, as impressões palmar e plantar direitas.

Aí, os dactilogramas tiveram as seguintes denominações:

Tip-sahi — Impressão usada como firma.

Shanmu-ying — Impressões simultâneas (polegar seguido dos demais dedos), para efeito de divórcio.

Keppan — Impressão do anular, com sangue, que constituía um dos mais sagrados juramentos nipônicos.

No Japão, até 1869:

Bo-in ou *Bo-han* — Impressão espontânea do polegar em papéis legais.

Tsumein — Em se tratando de atos solenes.

Keppan — Na identificação de criminosos.

Certos autores, no entanto, não admitem que os orientais tivessem usado as impressões papilares como prova consciente de identidade.

Assim sendo, pode-se concluir o presente período com o seguinte juízo:

a) que a papiloscopia nascente tinha caráter positivamente individualizador, conforme admitem HEINDEL, MINAKATA e outros;

b) que o fenômeno papiloscópico não ia além de fato inconsciente, para uns, e supersticioso, para outros.

Período científico — Os primeiros estudos científicos a respeito das papilas dérmicas datam de 1664, com as observações de MARCELO MALPIGHI, anatomista italiano, chamado por E. LOCARD de *o avô da dactiloscopia*.

Nesse ano, em carta dirigida a JACOB RUFO declarou MALPIGHI:

"A dúvida sobre a função que eu havia assinalado às papilas piramidais da língua continuava torturando o meu espírito e, num dia em que estava entregue ao estudo, armado de microscópio, poderoso auxiliar da vista, como não tinha à mão nenhuma peça anatômica, ocorreu-me observar as pontas dos dedos. Enquanto estava contemplando, gravadas nas mesmas, essas rugas desiguais, em forma de círculo ou espirais, que surgem como corpúsculos diáfanos do fundo de uns alvéolos diminutos, espalhados em ordem admirável por toda a face interna do dedo, estremeceu-se o meu coração pela novidade da descoberta e, no mesmo instante, tive a intuição de que esses corpúsculos deviam ter a mesma função que as papilas piramidais da língua."

Essas observações foram divulgadas, em Nápoles, em 1665.

Convém dizer que, para WENTHWORTH e WILDER, os primeiros estudos sobre os desenhos papilares partiram de NEHEMIAH GREW (1684) e não de MALPIGHI, conforme se tem dito. Os deste, segundo os dois norte-americanos, datam de 1686. Hoje, dadas as controvérsias, diz-se que *o avô da dactiloscopia* é GREW e *o pai*, no entender de VUCETICH, é GALTON.

Em concursos e provas, no D.A.S.P., prevalece a opinião de LOCARD.

Quem, inegavelmente, distinguiu os desenhos digitais em diferentes tipos foi J. E. PURKINJE, sábio boêmio (Morávia), conhecido na história da dactiloscopia como *o pai legítimo dos dactiloscopistas* (LOCARD), que em sua tese de 22 de dezembro de 1823, apresentada à Universidade de Breslau, onde vinha lecionando a dactiloscopia teórica, declarou:

"A admirável disposição dos desenhos das pequenas sinuosidades que se encontram na superfície interior da mão, na planta dos pés, e sobre a face dos dedos excita nossa curiosidade. Geralmente, em toda obra clássica de Anatomia e Fisiologia há menção; mas, tratando-se de um órgão tão importante como é a mão do homem, que não somente preside aos movimentos mais diversos, senão principalmente o sentido do tato, não há investigação por mais minuciosa que seja, que não traga aparelhada alguma grata surpresa no ulterior conhecimento desse órgão. — Depois de inúmeras experiências se pôde estabelecer nove tipos principais que permitem fazer a determinação metódica dos diferentes desenhos formados pelas linhas papilares."

Os nove tipos, são:

1. *Flexurae transversae*.
2. *Stria centralis longitudinalis*.

3. *Stria obliqua.*
4. *Sinus obliquus.*
5. *Amygdalus.*
6. *Spirula.*
7. *Ellipsis.*
8. *Circulus.*
9. *Vortex duplicatus.*

Outros precursores teve a dactiloscopia: GOVARD BIDLOO, em 1685, RUYSCH, em 1701, que continuou os estudos de MALPIGHI; SIEGFRIED (Albinus), de 1726 a 1734; CHRISTIANO JACOB HINTZE, em 1751, que fez estudos sobre a disposição das linhas na palma das mãos e nas planta dos pés; J.C.A. MAYER, em 1783-88, verificando o desenvolvimento da ondulação papilar e a diversidade dos desenhos que formam; HUSCHKE, em 1844, estudando o mesmo fenômeno e comparando as ditas formas com as dos primatas; CAUSÉE, em 1846, descobrindo a identidade de um criminoso por meio das impressões sangrentas; MASCORT, em 1848, verificando as dimensões das papilas dérmicas; HUGOLIN, em 1750; ENGEL, em 1856, relacionando os estudos da mão e do pé humanos com os dos monos e reduzindo a quatro os nove tipos de Purkinje, e KOLLIKER que trata da existência dos desenhos papilares desde o quarto mês de vida intra-uterina, até a completa decomposição do cadáver; ALIX, em 1867, estudando a disposição das linhas palmares e plantares e os tipos da classificação de Purkinje; KOLLMANN, continuando os estudos de KOLLIKER, estudou os poros como elemento de identificação e a existência das linhas papilares a partir do 6.º mês de vida fetal; BLASCHKO, em 1884, estudando o desenvolvimento das linhas papilares a partir do 6.º mês; FLORENCE, em 1885, tratando da inalterabilidade da fisionomia dos dactilogramas pelas cicatrizes; BONNEVIE, em 1925, verificando a evo-

lução do desenho papilar a partir do segundo mês e informando que tais desenhos só se manifestam mais ou menos legíveis a partir do quarto.

Outros nomes foram surgindo na história da dactiloscopia, estes abrindo, já, novos horizontes para uma Ciência de insuperável valor. E foi, não há negar, que surgiram: HERSHELL, nas Índias inglesas, no período de 1858 a 1878, adotando, espontaneamente, a aposição dos dedos dos indus em documentos contratuais, fôlhas de pagamento de pensionistas etc.; FAULDS, médico escocês, excirurgião do Hospital de Tsukiji, em Tóquio, que em carta de 15 de fevereiro de 1880 comunicou, a CHARLES DARWIN, tio de FRANCIS GALTON, os estudos que havia feito em dactilogramas impressos em cerâmica pré-histórica e da comparação dos mesmos com os dos monos.

FAULDS, na carta citada, dizia ter usado lente à leitura dos desenhos e aconselhava, para tomá-los, a técnica que hoje usamos em *dermodactilografia*; classificava os tipos em ARCH, LOOP e WHORL, termos que foram mantidos, posteriormente, por GALTON. Este, inspirado na carta de FAULDS e com a posterior descoberta da tese de PURKINJE, intitulada "Comentatio de examine physiologico organi visus et systematis cutanei" escrita em latim castiço, iniciou, em Londres, em 1888, o estudo da identificação do homem pelo processo dactiloscópico e procurou verificar, ao mesmo tempo, se através das respectivas impressões era possível estabelecer o sexo, raça, hereditariedade etc. Em 1891, com a contribuição de HERSHELL, demonstrou os princípios fundamentais dos desenhos papilares: *Perenidade*, *imutabilidade* e *individualidade* (variabilidade).

Esses princípios foram firmados com as próprias impressões do dedo indicador de HERSHELL: uma, tomada em 1860; outra, em 1888.



Fig. 4

GALTON, no período de 1888 a 1896, caracterizou dez classes e trinta e oito tipos nucleares, e os pontos característicos que chamou "Minutiae", sem atingir o ponto culminante da dactiloscopia — o arquivamento dos dactilogramas.

Não teve, o cientista inglês um sistema; sua classificação foi puramente teórica.

Depois desses ilustres investigadores, surgiu FRECON, definindo, em tese, o significado de dactilograma e FERÉ, TESTUT e FORGEOT (1891), que aceitaram a classificação galtoniana, introduzindo-lhe as modificações e os tipos que aqui se reproduz.

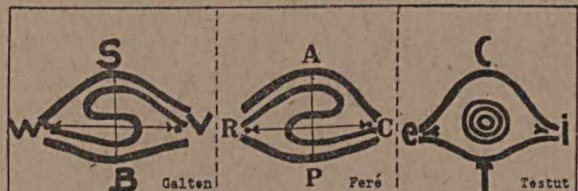


Fig. 5 - Símbolos usados por GALTON, FERÉ e TESTUT, para o assinalamento dos deltas e das linhas diretrizes.

Com o esquema da figura 5, estabeleceu GALTON nove combinações (classes) teóricas, que deram origem aos desenhos das figuras 6 e 7. Ao arco, primeiro tipo de sua classificação, deu o símbolo lateral *a* (Primary), por não ter delta.

Os deltas foram assinalados com as letras W e V; as linhas limitantes (linhas diretrizes), com S e B, conforme o esquema da fig. 5.

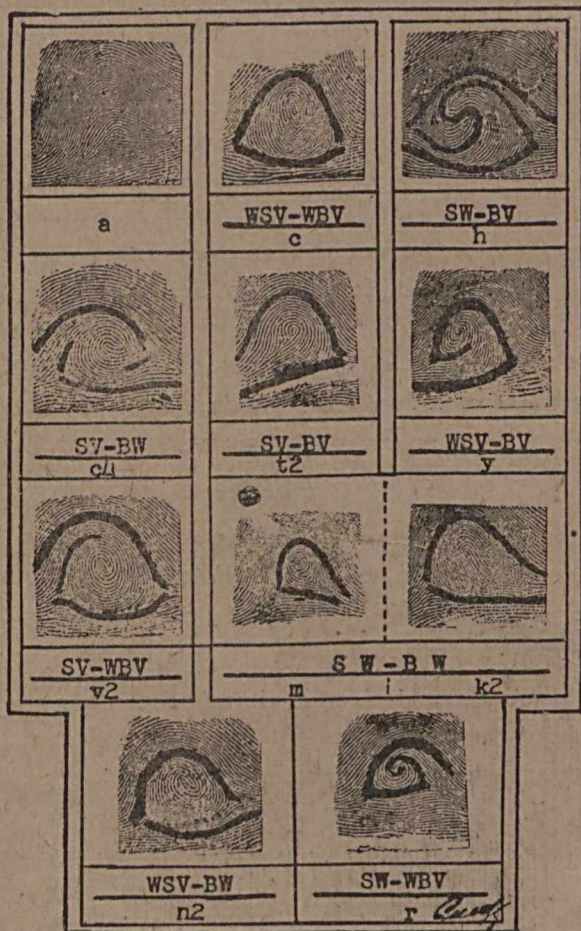


Fig. 6 — As DEZ CLASSES da classificação teórica de GALTON.

Desejando-se verificar a classe a que pertence determinado dactilograma, segue-se, conforme sugere o autor, com a ponta de um lápis, o curso das limitantes S e B, a partir dos extremos W e V.

Obedecida a orientação sugerida, tem-se nove combinações:

WSV-WBV — a diretriz superior, assinalada com S, parte de W e termina em V; a linha B se torna comum com esses dois pontos.

SW-BV — a linha S, partindo de W, passa sobre o extremo V, divergente, e a diretriz B, que parte de V, termina no lado oposto, à altura da periferia do dedo, sob o extremo W.

RENÉ FORGEOT propôs a inclusão de mais cinco tipos, além dos que foram sugeridos por FERÉ na classificação de GALTON.

SV-BW — a diretriz S, partindo de V, passa sobre o extremo W, e a que deste ponto parte passa sob o extremo V, indo terminar abaixo de W.

Féré Galton 1 Testut a 1	Féré 2	Forgeot	Féré Galton 3 Testut b 2	Féré Galton 4 b 2	Féré Galton 6 c 1
Féré Galton 5 c	Féré Galton 7 Testut 4	Féré Galton 8 c 8	Féré Galton 9 c 4	Féré Galton 10 d	Féré Galton 11 c
Féré Galton 12 f	Féré Galton 13 g	Féré Galton 14 Testut 3	Féré Galton 15 j	Féré Galton 16 k 1	Forgeot
Forgeot	Féré Galton 17 k 2	Féré Galton 18 k 3	Féré Galton 19 l	Féré Galton 20 l 2	Féré Galton 21 l 3
Féré Galton 22 m 8	Féré Galton 23 n 1	Féré Galton 24 Testut 10	Féré Galton 25 n 3	Féré Galton 26 o	Féré Galton 27 p
Féré Galton 28 q	Féré Galton 29 r	Féré Galton 30 s	Forgeot	Forgeot	Féré Galton 31 s 1
Féré Galton 32 s 2	Féré 33	Féré Galton 34 Testut 5	Féré Galton 35 t 2	Féré Galton 36 u	Féré Galton 37 v
Féré Galton 38 Testut 7	Féré Galton 39 w	Féré Galton 40 Testut 6	Féré 41		

Fig. 7 — Os trinta e oito tipos nucleares de GALTON.

SV-BV — ambas as diretrizes, divergentes, partem de V e terminam na periferia do dedo, sem tocarem no ponto W.

WSV-BV — a diretriz S se torna comum com os extremos W-V; a inferior B somente com V.

SV-WBV — a linha S, partindo de V, diverge e termina um pouco distante de W, enquanto a inferior B se torna comum com os deltas W e V.

SW-BW — ambas as limitantes, divergentes, partem de W, indo terminar na periferia do dedo.

WSV-BW — a linha S se torna comum com os extremos W-V; a linha B, partindo de W, diverge e termina muito abaixo de V.

SW-WBV — a linha S, partindo de W, diverge e passa sôbre o extremo V; a linha B se torna comum com os dois pontos.

Dentro dessas combinações são incluídos os tipos nucleares mostrados à figura 7.

Pelo mesmo processo obtém-se as combinações de FERÉ e TESTUT.

CHARLES FERÉ, já citado, introduziu três tipos na classificação de GALTON (2, 33 e 41 — fig. 8) e substituiu as letras por R-C-A-P, cuja tradução é a seguinte:

- R — radial
- C — cubital
- A — anterior ou limitante superior
- P — posterior ou limitante inferior.

TESTUT extraiu dez tipos (fig. 9), dos 38 assinalados por GALTON e marcou os deltas e as linhas diretrizes com os seguintes símbolos:

- i — interno ou delta cubital
- e — externo ou delta radial
- C — curvo ou diretriz superior
- T — transverso ou diretriz inferior



Fig. 8 — Os três tipos de FERÉ, introduzidos na classificação galtoniana.

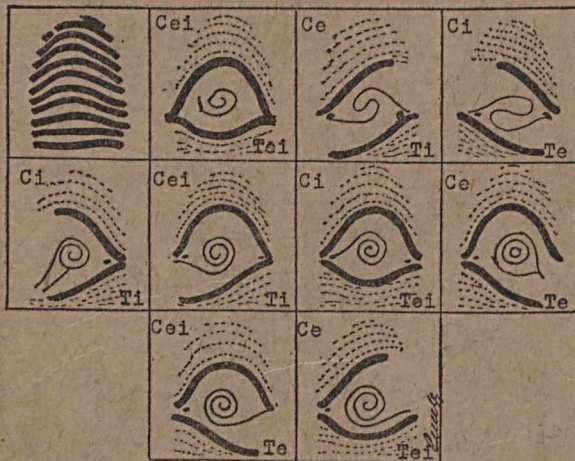
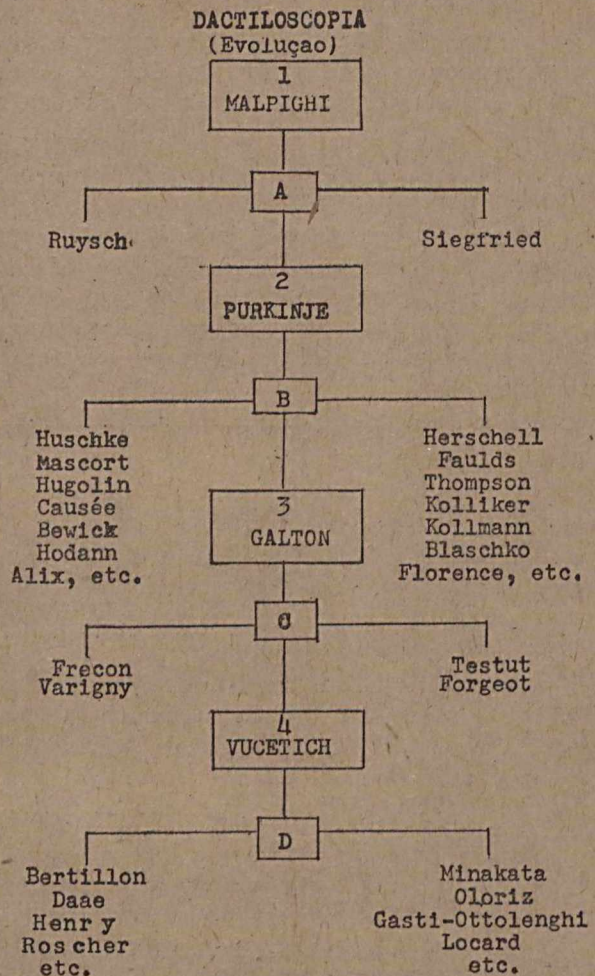


Fig. 9 — Os nove tipos de TESTUT, extraídos da classificação galtoniana.



Fig. 10 — Tipos transicionais de FORGEOT, incluídos na classificação galtoniana.



Todos êsses estudos foram citados por HENRY DE VARIGNY, em "Revue Scientifique", de Paris, tomo 47, n.º 18, de 2 de maio de 1891, dos quais partiu D. JUAN VUCETICH, austríaco, naturalizado cidadão argentino e funcionário da polícia d'êste país, à organização do Sistema que hoje adotamos.

2. IMPORTÂNCIA DA PROVA DE IDENTIDADE PESSOAL SOB O PONTO DE VISTA SOCIAL E CRIMINAL

Êste ponto exige que se reproduza, aqui, o que ficou dito no início d'êstes Apontamentos, mas, não impede que se diga, em resumo, o que requer o presente.

A prova de identidade sob o ponto de vista social ou criminal consiste em o indivíduo poder provar, por meio do nome antropológico, seu nome civil.

A identificação civil tem como objetivo fixar a personalidade jurídica do indivíduo físico para que êle possa exercer direito e obrigações; a identificação criminal visa colhêr informações sôbre

antecedentes criminais, apurar casos de reincidência, e fixar a personalidade do autor de um ato delituoso.

3. CONCEITO DE IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO

Identidade é o conjunto de caracteres próprios que diferenciam as pessoas ou coisas entre si; *identificação* é o processo de se colher os caracteres identificadores, a fim de se poder estabelecer a respectiva identidade.

Êsses sinais podem ser — segundo ARGEU GUIMARÃES, citando SOUZA LIMA:

Fisiológicos — a idade;

Patológicos — estado dos dentes, defeitos provocados por tumores, cicatrizes indeléveis etc.;

Teratológicos — monstruosidades e aleijões de nascença como o lábio leporino, a hiperdactilia, hipodactilia, sindactilia;

Acidentes — os sinais congênitos e os determinados pelos processos de cromodermia (tatuagem); estígmata profissionais etc.;

Antropognósticos — o retrato falado, a dactiloscopia, etc.

4. HISTÓRIA DA DACTILOSCOPIA E SUA INTRODUÇÃO NO BRASIL

Depois de haver VUCETICH, na Argentina, lançado o Sistema que hoje adotamos, todos os países foram logo abolindo os processos vexatórios e antiquados à identificação pessoal.

A Dactiloscopia foi introduzida no Brasil por Decreto n.º 4.764, de 5 de fevereiro de 1903, por iniciativa de FELIX PACHECO, que substituiu a JOSÉ BELO na direção do "Gabinete Antropométrico", antes dirigido pelo Dr. RENATO CARMIL.

Êsse Decreto deu nova denominação ao aludido Gabinete, que passou chamar-se *Gabinete de Identificação e Estatística Criminal*, hoje Instituto *Felix Pacheco*, e regulamentou a lei n.º 947, de 29 de dezembro de 1902 (HERMETO LIMA, em *A identificação do homem pelas impressões digitais*, pág. 112).

5. DACTILOSCOPIA: DEFINIÇÃO, FINALIDADE E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Definição — Sob o ponto de vista etimológico, o termo "Dactiloscopia" está composto de dois elementos gregos: DAKTYLOS, *dedo*, e SKOPEIN, *examinar*.

Sob o ponto de vista teórico: "E" o exame dos desenhos papilares nas pontas dos dedos" (OLORIZ).

"Procedimento técnico que tem por objeto o estudo dos desenhos digitais com o fim de identificar as pessoas" (MORA RUIZ).

"Ciência da Identidade" (REYNA ALMANDOS).

"Ciência que garante e fixa a personalidade humana" (SISLÁN RODRÍGUEZ).

"E" a única prova positiva da identidade" (LOCARD).

"Reconhecimento e identificação do homem por meio de suas impressões digitais" (ISRAEL CASTALLANOS).

Com elementos da mesma procedência está construído *dactilograma*: DAKTYLOS, *dedo*, e GRAMA, *escrita*.

Dactilograma, sob o ponto de vista prático, é toda impressão colhida para fins identificativos. Em sentido amplo, classificam-se em *naturais* ou *positivos*, quando observados diretamente nos dedos; *artificiais* ou *negativos*, quando são observados, impressos, no papel.

Classificam-se também em *negativos*, os dactilogramas deixados em matérias moles (impressões moldadas) e as impressões latentes após reveladas, fotografadas e ampliadas; em *naturais*, também, as ditas impressões, mas em estado latente. Chama-se, ainda, de *impressão digital*, o *dactilograma artificial* e de *desenho digital*, o *dactilograma natural*.

Finalidade — Permitir, de modo rigoroso e exato, a fixação da personalidade jurídica do indivíduo para todos os atos de sua vida pública ou privada.

Origem do termo — O termo em causa apareceu no dia 8 de janeiro de 1894, em "La Nación", num artigo intitulado "Reminiscências platinenses", no qual FRANCISCO LATZINA falava no novo processo da identificação do homem por meio de suas impressões digitais, lançado por VUCETICH, na Argentina, em 1891, com o nome de *Icnofalangometria*. Sobre esta expressão disse o articulista:

"Eu me pergunto que necessidade teve Vucetich de misturar tôdas essas coisas gregas para designar com um só nome a impressão digital. Desde logo na Icnofalangometria nada se mede, por conseguinte excede o de *metria*; observa-se, examina-se a impressão do dedo; as estrias que suas figuras palmares formam. Pois, então, se é absolutamente necessário que se empregue uma palavra grega para denominar o processo e para que tal nome venha combinar-se com o de *antropometria*, diga-se, por exemplo, *dactiloscopia*, composto de *dektylos*, *dedo* e *skopein*, *examinar*, vocábulo que é mais curto (treze letras contra dezessete) e até mais eufônico que o de *icnofalangometria*" (O grifo é nosso).

O termo sugerido, apesar de ter sido logo aceito, só apareceu em 1896, quando VUCETICH lançou o "Sistema Dactiloscópico Argentino", traçando novas diretrizes e reduzindo, a quatro, os 101 tipos do primitivo Sistema.

Princípios fundamentais — São três, a saber:

Perenidade — É a faculdade que têm as papilas dérmicas de se manifestarem definidas desde o 6.º mês de vida intra-uterina, até à completa decomposição do cadáver.

Imutabilidade — Não se modificam durante toda a vida, permanecendo as mesmas do nascimento à completa decomposição *post-mortem*.

Variabilidade (ou Individualidade) — Impossibilidade absoluta de dois desenhos idênticos. Variam extremamente de indivíduo para indivíduo. São intransmissíveis finalmente.

6. HEREDITARIEDADE DAS IMPRESSÕES PAPILARES. DESENHOS DIGITO-PALMARES DOS PRIMATAS

Os tipos falangéticos não são hereditários, nem mesmo nos gêmeos. São transmissíveis, quanto à forma, em cada um dos grupos que compõe a escala zoológica, principalmente na ordem e subordem dos primatas.

Sobre esse assunto já se manifestaram GALTON, SENET, FORGEOT e muitos outros.

Os desenhos digito-palmares dos primatas apresentam, conforme o grupo, analogia com os dos homens.

Sobre determinadas formas de desenhos é oportuno aduzir algumas considerações.

VASCHIDE, citado por ARGEU GUIMARÃES ("Epítome da dactiloscopia", Rio de Janeiro, 1917), disse que os débeis e os retardados têm linhas papilares simples; GALTON informou que as formas primárias (arcos planos) predominam entre os degenerados, idiotas, epiléticos; ALIX esclareceu que na escala descendente do homem para os macacos, observa-se que os desenhos digitais se uniformizam. Depois deste cientista haver examinado os dedos dos grandes símios, assinalou o "tipo simiesco", que FERÉ, em 1891, incluiu na classificação teórica de GALTON.

O mesmo autor, também citado por ARGEU GUIMARÃES, declara: "Da base da falangeta partem dos mesmos pontos duas espécies de linhas; umas, paralelas ao sulco articular; outras, elíticas, a partir do ponto sumo, perto da extremidade do dedo. Esse sistema de linhas circunscreve um espaço triangular que, no macaco, é preenchido por linhas retas ântero-posteriores, paralelas ao eixo do dedo e dispostas em leque".

FERÉ, em 182 epiléticos, encontrou 100 formas primárias; FORGEOT, entre detidos e tarados de uma penitenciária, encontrou uma porcentagem de 23,11. Concluiu que "os degenerados apresentam uma frequência maior das formas chamadas primárias", e verificou, ainda, que entre os inúmeros chimpanzés do jardim zoológico de Paris, os mesmos desenhos, sem a menor varie-

dade de um para outro indivíduo, ou de um para outro dedo, se manifestavam.

Iguais pesquisas foram levadas a efeito por MUTRUX-BORNOX, autor de "Les Troublantes révélations de l'empreinte digitale et palmaire", R. Roth & Cia., Libraire de droit. Lausanne, 1937, e CUMINS & MIDLO, autores de "Finger Prints, Palms and Soles", An Introduction to Dermatoglyphics", Philadelphia, 1943.

Antropoides — Cada um dos quatro tipos da série animal que mais se parecem com o homem, a saber, o gorila o chimpanzé, o gibão e o orangotango (LAUDELINO FREIRE, Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguêsa).

Macaco — Nome geral de todos os mamíferos da ordem dos primatas, excetuando-se o homem (Lelo Universal).

Primatas — Ordem dos mamíferos, que compreende aquêles que são designados vulgarmente sob o nome de macacos, e na qual um certo número de autores fazem entrar o homem: os primatas dividem-se em *catarrínios*, *macacos do antigo continente* e *platirrínos macacos do novo continente* (Lelo Universal).

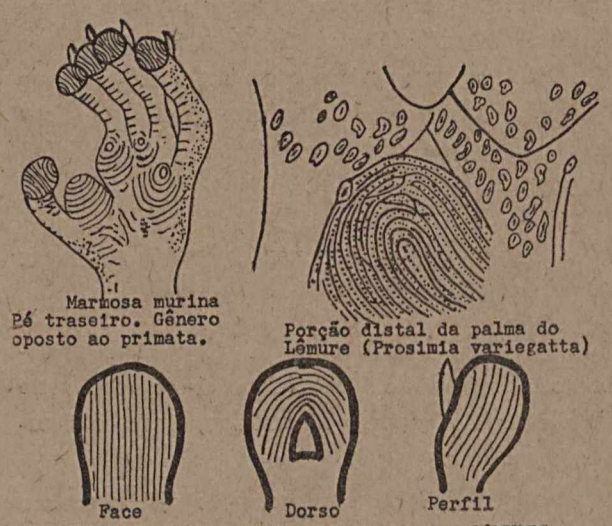
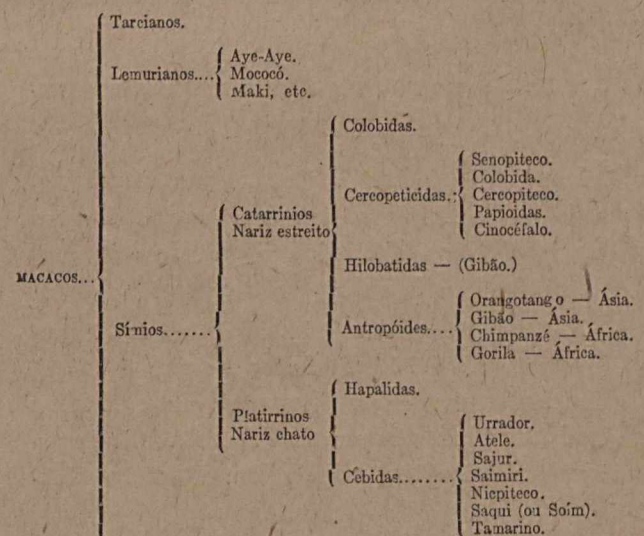
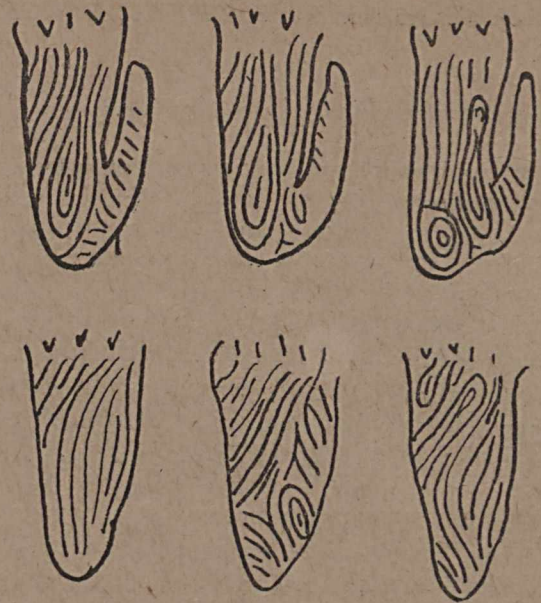


Fig. 11 — Topografia papilar dos dedos dos LÊMURES



Fig. 12 — Topografia papilar dos dedos, palma e planta



GIBÃO
(Hylobates agilis)
Palma e planta

Fig. 15



CEBU
(Cercopithecus cebus)
Palma e planta

GORILA
(Gorilla gorilla)
Palma e planta

CHIMPANZE
(Antropithecus troglodytes) Palma

PITECO

(Macaca sylvanus)
Palma e planta

Fig. 13



Orangotango
(Pongo)
Palmas
Fig. 16

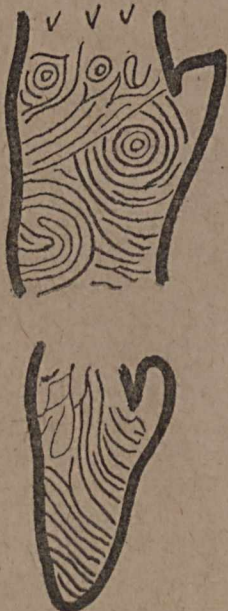


Fig. 14



Fig. 17 — Disposição das linhas papilares nos dedos (última falange) dos ORANGOTANGOS

Evolução dos desenhos PALMARES E DIGITAIS entre os PRIMATAS, segundo MUTRUX — BORNOZ

Espécie	LEMURES			SIMIOS					ANTROPOIDES			
	Aye-Aye	Mococó	Maki	Platirríneos		Catarríneos			Gibão	Orango-tango	Chimpanzé.	Gorila
				Tamarino	Cebo	Babuino	Hamadri.	Piteco				
Tenar												
Hipotenar.												
Montículos.												
Centro palmar												
Polpa digital												
Falanges												

Fig. 18

